

Supra do Mont. de S. Jorge 1895-1905.

ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

N.º 111

SEGUNDA-FEIRA, 18 DE DEZEMBRO DE 1905

E' prohibida a reproducção das gravuras e artigos insertos na ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

ASSIGNATURAS

Portugal, colonias portuguezas e Hespanha

Anno.....	8\$000
Semestre.....	4\$000
Trimestre.....	2\$000

Territorios da união postal

Anno.....	9\$000
Semestre.....	5\$000



LISBOA

Empreza do jornal "O SECULO,,"

43-RUA FORMOSA-43

O MELHOR BRINDE É UM GRAMOPHONE NATAL DE 1905



Estes-nos chegados á época dos brindes, dos presentes, dos cadeaux, eis que em todos os espiritos existem as mesmas perguntas: «Que devo offerrecer?» «Que poderei eu dar que seja novo, interessante, durador e que possa dar prazer sem ser uma coisa banal e que se torne commun e que seja constantemente uma lembrança graciosa da minha offerta?»

Offerrecendo um gramophone seréis festejado cordialmente, sereis o generoso amigo, bem recebido sempre e sempre desejado, porque fizestes um presente que dá prazer constantemente.

O GRAMOPHONE

é um presente que se pôde offerrecer a todos: aos rapazes cujas aspirações artisticas despertam, que procuram aprender e que poderão desde logo conhecer as grandes paginas musicas como as de Pugno, Grieg, Kubelik e de todos os celebres virtuosos; á mãe de familia que terá nas suas reuniões concertos encantadores e distrahirá assim as suas visitas, educando-lhes ao mesmo tempo o espirito; ás meninas, que tornarão artisticos os seus «five o'clock» e farão que as suas festas sejam as preferidas pelas suas sympathias e pelas suas amigas, que poderão facilmente ouvir os seus artistas mais preferidos.

Offerrecer um GRAMOPHONE é chic, é elegante,
é o brinde mais gracioso para 1906

GRAMOPHONE de luxo

DISCOS NOVOS-DUBLE FACE

À VENDA NA
Companhia Franceza do Gramophone

Largio da Rua do Principe, 8

ILLUSTRAÇÃO

José Joubert Chaves
EDITOR

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida
com o endereço ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL
Empresa do jornal O SECULO

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photographura, e zincographia, stereotypia, typographia e impressão — Rua Formosa, 43 — Lisboa

SEGUNDO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 18 DE DEZEMBRO DE 1903

NUMERO 111



O MONUMENTO DE BOÇAGE EM SETUBAL

Que foi inaugurado em 21 de dezembro de 1872

Chronica

Um poeta de ha cem annos

Para muita gente ainda é motivo de pasmo o centenario de Bocage, o que não succedeu com os da India e de Santo Antonio. A India fôra um deslumbamento. Santo Antonio um milagreiro. Nas crises nacionaes exclamava-se: Ah! se ainda tivessemos a India! Nas crises domesticas, bradava-se: Valha-nos Santo Antonio! Mas Bocage! Se alguma vez se fala d'elle é sempre para lhe imputar uma anecdota, para rir. Ora, realmente, celebrar assim a pilheria, julga-se por ahi, já é teima forte e extravagante em terra de tanto sizo!

Bocage, como por ahi ainda o vêem, foi um homem alegre, um patusco de guedelha hirsuta, pés na lama e feto em farrapos, que teve na vida duas paixões fortes: a das mulheres e a da poesia. Uma rendeu-lhe alguns beijos, a outra coisa alguma. O sr. Manuel Maria nunca foi rico, nem sequer empregado publico e quando lhe offerciam de jantar ou um emprego achava, dentro em si, uma gargalhada e uma facecia. Uma vez, a cair de fome, exclamou:

Se o halito á bocca puxo
Se alguma palavra digo
Sobem-me as tripas ao bucho
A escutar se já mastigo.

Quando José Seabra da Silva, então ministro da souzora D. Maria I, lhe falou em empregá-lo na Bibliotheca, perguntou: «E isso tem muitos encargos?» — Poucos — volvem o outro — Lidar com homens sabios e estudiosos tres horas de manhã, tres horas a noite!... — Saí! Seis horas! E então com homens sabios e por obrigação!

E sahio d'ali para, n'uma mansarda sem ar e sem ter dinheiro muitas vezes para o pão que partilhava com sua irmã, escrever os mais impecaveis sonetos da litteratura portugueza, fazendo, ao mesmo tempo, umas traducções a vinte e quatro mil réis por mez.

Não ha, pois, duvida que Bocage teve uma vida alegre!

N'aquelle tempo, para recusar algum favor dos grandes, era necessario passar por inconsciente, para o accoitar era preciso abdicar das idéas — as chamadas idéas francezas — que então se espalhavam. Bocage não abdicou, deixou-se passar pelo que quizeram. Riu, riu muito e forçadamente. Deve ser peor do que lagrimas o riso, quando se tem den-



A casa onde nasceu Bocage, na rua de S. Domingos em Setúbal, a 15 de setembro de 1765

tro do cérebro uma luz brilhante e no estomago a fome! Ah! mas o Bocage foi um homem alegre!

Quando um grande o hospedou, n'um periodo de amarga miséria, ao sentar-se, pela primeira vez, á meza da caridade para jantar, ergueu-se e agradeceu. Que se ia embora! Mas porque? E, elle, com aquelle ar que ficou para a posteridade, disse: — E' que não posso estar qui mais tempo sem dizer mal de v. ex.ª

E lá foi, de novo, para a vida aventureira, ganhar, com a sua pena, o que então se ganhava, atirar-se para a batalha litteraria como um claviculário heroico, de estomago vazio, sapatos rôtos, mas de cabeça levantada.

Que divertida vida a d'este Bocage!

Depois, dentro d'este homem que tantas mulheres cantou, havia um coração inflammavel e todas as delicadezas d'um grande poeta. Quando elle as sahia rir, quando as insulta, quando as troça, adivinhase o dia sem pão, a casaca esburacada, as algebeiras vazias e os rivaes brilhantes, empanufados, a occuparem o logar que uma mulher não pôde dar a um maltrapilho, mesmo quando esse escreve os melhores sonetos do seu tempo. O talento, n'um desgraçado, é uma coisa que só um grande coração perecho, acolhe e ama.

Algumas mulheres o amaram assim, por elle mesmo, pelo seu genio, e, no entanto, deante da paixão maior da sua vida, quando lhe offerciam, com os labios para um beijo, uma alma para se sacrificar, elle retirou-se, recusou, morreu a pensar n'isso. Foi a sua ultima partida!

Bocage apparece, aos olhos d'uma grande maioria mesmo illustrada, como um favo de defeitos que, no fim de tudo, eram apenas qualidades. Já se sabe como e porque elle ria, como e porque elle se revoltava, como e porque elle era um bohemio, um homem que não soube viver. Porém isto é ainda uma falsidade: se elle não vivesse assim não chegaria á posteridade, seria como todos os outros, como os que se curvaram.

As suas obras, se fossem publicadas n'uma edição popular, iriam desfazer a lenda grosseira de trovador que só soube rir, iriam mostrar como elle foi igual a uma linda borboleta, onçada, maravilhosa, scintillante, a voejar para todas as clareidades e que se queimou no brandão funebre que allumiava a agonia da patria d'esse Bocage, a que chamam ainda n'este tempo o grão-brejeiro.

ROCHA MARTINS.



A casa onde morreu Bocage, na travessa d'André Valente junto á rua Formosa, em 21 de dezembro de 1805



Sr. Marquessa de Preaulx



Sr. Coronel Carlos Roma do Bocage



Sr. Conselheiro José Barbosa do Bocage



Mr. Amédée Barbé do Bocage



Mr. Alexandre François Barbé do Bocage

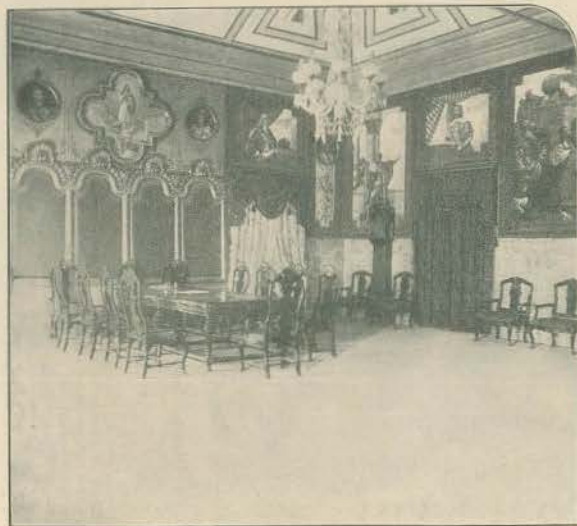
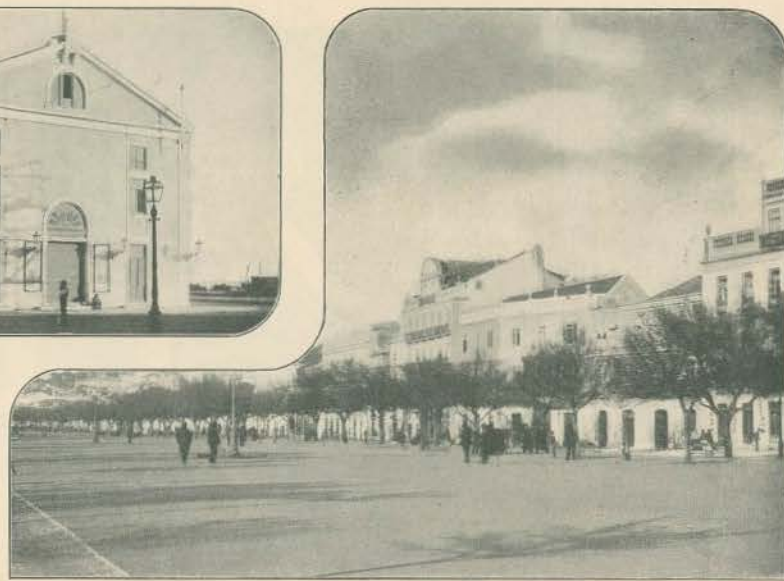
ALGUNS MEMBROS DOS RAMOS PORTUGUEZ E FRANCEZ DA FAMILIA BOCAGE

O avô materno de Bocage era francez, chamava-se Gél Le Doux du Bocage, foi vice-almirante na armada portugueza e aqui constituiu familia de que ainda ha alguns representantes. Em França ficaram alguns parentes do almirante que constituem outro ramo da familia Bocage. O vice-almirante nasceu em Chorburgo e era parente d'un certo Fiquet du Bocage, cuja esposa escreveu um livro chamado *Columbiade*. E essa familia que a sr. marquessa de Preaulx representa e que

teve bem insignes membros como Jean Denis Barbé du Bocage, geographo do rei Luiz XVI, membro do Instituto, decano da Faculdade de Lettras, presidente da Sociedade dos Archeologos, fundador e presidente da Sociedade de Geographia de Paris, cavalleiro da Legião de Honra, membro das academias de Florença e Berlim; Alexandre Francisco Barbé du Bocage, advogado, professor de geographia antiga na Sorbonne, membro da Comissão Central da Sociedade de Geo-

graphia, e Amadeu Barbé du Bocage, secretario da Comissão Central da Sociedade de Geographia, cavalleiro da Legião de Honra, do Christo e de Pio IX e de Izabel a Catholica e que nasceu em 1832, falleceu em 1890 e era pai da sr. marquessa de Preaulx.

Os representantes da familia Bocage, do ramo portuguez, são os sr. conselheiro Barbosa do Bocage e seu filho o sr. coronel Roma do Bocage havendo ainda outros.



A cidade de Setúbal

Setúbal onde nasceu Bocage é uma linda cidade que o Sado banha e a que o poeta por mais de uma vez se referiu nos seus versos.

Foi ali que D. João II esteve para ser assassinado e nos seus paços que matou o duque de Bragança, foi essa a terra que soube falar alto a um rei, D. Manuel, no dia em que elle a quiz doar ao conde de Penamacôr.

A sua origem perde-se na historia: já se disse, não sabemos com que fundamento, que a cidade devia a sua existencia a Tubal, neto de Noé, e que ao começo fora no lugar hoje denominado Freixo, e onde parece com effeito ter existido n'outro tempo uma povoação e onde ainda hoje se encontram restos de objectos de bem remota origem. Os phenícios quando andavam a costear descerbarcavam por vezes em Cetebriga, como a cidade se chamava então e sob a dominação mourisca.

D. Fnela, rei de Leão, tomou-a no anno de 760, mas de novo os infelizes a retomaram até que D. Affonso Henriques a conquistou. D. Sancho deu-lhe foral com largos privilegios. Foi muralhada, teve cinco portas e nove postigos.

Mas acima de tudo a cidade é notavel porque a industria da pesca a tem tornado realmente um grande centro e as fabricas de conservas ali estabelecidas em grande numero tem-na desenvolvido extraordinariamente.





Hocage saiu de Setúbal aos 14 annos depois de ter estudado latim, por signal com um professor que fazia a muito uso da fécula, a ponto do poeta dizer mais tarde a D. Gastão Continho: *Se continhas mais tempo, aleijava-me.* Sentou praça em infantaria 7, que fazia então a guarnição da villa, mas pouco tempo ali se demorou porque veio logo para Lisboa.

A mãe morrera por este tempo, o pae fazia a sua tarefa de advogado, o irmão Gil cursava direito em Coimbra, as irmãs dedicavam-se a tratar o advogado que ficara desolado com a morte da esposa. O poeta andava na sua vida aventureira, foi á India, fugiu de lá enraivado com semelhante viver e só depois da sua chegada a Lisboa, ali no anno de 1700, tornou a Setúbal onde foi buscar sua irmã D. Maria Francisca. Ali, n'aquella pequena casa onde nascer e onde hoje uma lapido marca esse acontecimento, é que elle, talvez bem magoado, fulto de recursos, desditoso, ao vêr que pouco valia a mobília que a familia lhe deixava, exclamou d'uma maneira satyrica:

Quando a velha Eternidade
Por esta casa passou
Disso a este canapé
Sua benção, meu avô.

A mobília foi vendida por baixo preço e elle conduziu consigo a irmã e nunca mais voltou á terra que lhe havia de erigir uma estatua e fazer a sua glorificação com um centenário.



O altar onde os vereadores de Setúbal prestavam juramento—Vista geral de Setúbal—Casa da Camara e o chafariz—A casa da Camara vista de frente

Uma esquivança
vencida pelo poder de
Amor

Deitado sobre a relva Amor estava
Dormindo ao pé duma arvore sombria,
E n'um dos troncos pendurado havia
Prenhe de setas a damnosa aljava:

Flora então, que d'exempla blasonava,
E do infeliz Dorindo escarnecia,
Com soberba, sacrilega ousadia,
Quiz partir os farpões que deleslava:

Mas apenas lhe toca, a mão ferindo
No bico de um dos ferros penetrantes,
Grita, lavado em pranto o gesto lindo:

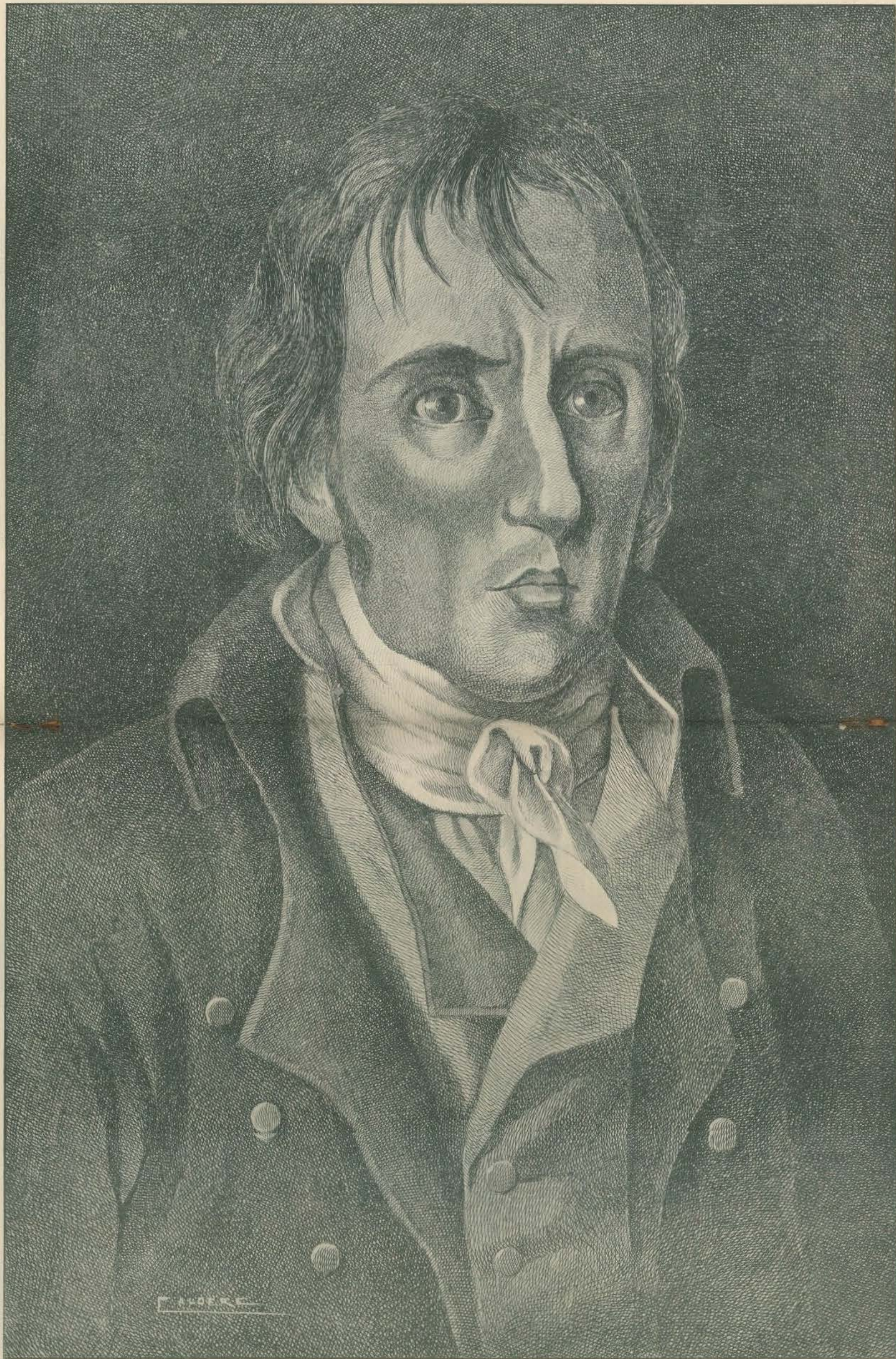
"Ai de mim! Firme exemplo dos amantes,
Onde estás? Bem, não temas, vem Dorindo,
Que eu já não sou cruel como era d'antes."



Um soneto amoroso de Manuel Maria Barbosa du Bocage (Elmano Sadino)



Um soneto satyrico de Manuel Maria Barbosa du Boocage escripto no anno de 1793 quando rompeu com os membros da Nova Arcadia



Manuel Maria Barbosa Hedeis du Bocage (Elmano Sadino)

Manuel Maria Barbosa Hedeis du Bocage nasceu em Setúbal a 15 de setembro de 1765, foi baptizado na igreja de S. Sebastião e era filho de José Luiz Soares Barbosa e de sua esposa D. Marianna Joaquina Xavier Lestof du Bocage. De raro engenho poético já aos 11 annos causava a admiração de todos pelos seus improvisos brilhantes, mas destinado pela família á carreira de marinha em memoria de seu avô o almirante Gil Le Doux du Bocage veio para Lisboa como cadete de infantaria 7, a fim de cursar no Collegio dos Nobres as aulas da Academia de Marinha. Por decre-

to de 31 de janeiro de 1786 foi despachado guarda marinha e embarcou na armada do Estado da India de que faziam parte as naus *Nossa Senhora da Vida*, *Santo Antonio* e *Magdalena*. Foi ao Rio de Janeiro n'esta armada e ali festejaram-no muito, pois o seu nome já era conhecido no Brazil por esse tempo. As naus chegaram a Gôa em 29 d'outubro de 1786; elle entrou logo em conflictos com os naturaes que satyrisava e foi despachado tenente do regimento de Damão em 15 de fevereiro de 1789. Tomado da nostalgia de Lisboa, dos honores, da lucta litteraria, desertou com o alferes Ma-

nuel José Dyonísio e partiu para a China, chegou a Cantão e a Macau d'onde o poeta, graças ao auxilio do governador Lazaro José Ferreira, ponde regressar a Lisboa.

Publicou no anno de 1791 o primeiro volume das *Elmas*, *Queixumes do pastor Elmano* e *Idyllios Maritimos*, ligou-se com José Agostinho e entrou para a Arcadia d'onde saiu em 1799, tendo atacado em magnificos sonetos todos os seus membros. Em 1797 foi preso em virtude de manojos dos seus inimigos, enviado ao Limoeiro e d'alli para a Inquisição por crime de heresia

mas tendo protectores e amigos estes intercederam por elle; d'alli passou para o Mosteiro de S. Bento e depois para o das Necessidades onde encontrou o erudito conde de S. Lourenço de quem foi amigo. Em 1801 recebeu 24.000 réis por mez pelas traducções de varios poemas e escreveu varios elogios dramaticos. Começa a soffrer de aneurisma, é accusado de novo ao Santo Officio, publica o 3.º volume das *Rimas* e morre a 21 de dezembro na travessa de André Valente, sendo sepultado na igreja de Jesus, freguezia das Mercês.

BOCAGE

Este poeta, que ficou na tradição popular como um indivíduo de má conduta, como um personagem facetado de romance picaresco, como uma espécie de arengueiro das ruas vicioso e versajador, foi a figura mais digna e mais ativa entre os homens de letras do seu tempo.

Bocage pereceu em plena luta literaria aos quarenta annos incompletos, porque foi um insubmisso.

E só quem procurar bem na historia do tempo os costumes e as opiniões da sociedade portugueza por essa epoca poderá avaliar o que era não só difficil mas até perigoso pensar com dignidade e sobretudo dizer alto o que se pensava d'essa modo.

O poeta nas suas satyras condemnava, feria, molestava; o poeta devia por sua vez ser condemnado, ferido, molestado: O Livro abria-se para o receber; a Inquisição recolheu-o, a morte veio encontrar-o n'uma mansarda sem ar, sem luz e sem outro pão que o offerecido pela caridade dos amigos; sobretudo o d'esse pobre José Pedro da Silva — o das Luminarias — que foi o Jau da figura comica e do alma d'ouro d'esse infeliz Camões da satyra.

A sociedade portugueza abí por 1700 — era composta por uma nobreza effeminada e peralvilha cujos maiores feitos consistiam em ouvir missas e modinhas brasileiras, por uma clerezia lambareira e hypocrita que na piedade da rainha doida via uma nova epoca de benesses, por uma burguezia avata, interesseira e que já agarrava restos de casas fidalgas com rezas e com juros exaggerados e finalmente por um povo tão ignorante como a nobreza, tão lambareiro como o clero, tão interesseiro como os burguezes e mais fanático que todos os outros juntos.

N'uma sociedade assim a litteratura devia ser uma mistura de todos estes sentimentos, de todos estes vícios, de todas estas ignorancias; a poesia devia ser o que realmente foi: uma cantharida envolta em marmelada.

Os poetas do tempo cantavam com as tranças das meninas algumas immundicies e hypocritamente mettiam-se nos lares, entravam nos saras da nobreza na pelle de lacaios cuja função era, em vez de fazer o serviço do mesa, fazer versos, com venias, levar a rir ou entristecer conforme o desejava a vontade do senhor.

A lyra era então um talher; o poeta mostrava as suas habilidades a troco d'un copo de vinho ou d'un naco de carne. Já tinha existido Camões que morrera miseravelmente e que não fizera do seu estro um divertimento para os outros arranjando assim o pão.

Bocage foi n'esta sociedade de pedintes o unico revoltado. Não aceitava esse papel de servo que lhe distribuiam, não concorria aos saras onde o Caldas toca-



Francisco Manuel do Nascimento, (Fylynto Elysis) grande mestre da poesia portugueza e que do exilio saudou Bocage como poeta



Bocage em 1802

va modinhas brasileiras e lindas chorados na viola a não ser para, em verso cheio de ironias, de sarcasmos e de graça, anathemizar tudo aquillo.

Não se enchia nem de docarias de mosteiros a troco de versos nem fazia do seu talento um pendão para lhe garantirem a vida officialmente.

Os outros todos se curvaram; elle só ficou de pé, com a sua estatura meã, a sua figura franzineta, os seus cabellos revoltos, a sua alma de poeta a soffrer e a atirar em risadas o soffrimento que os outros não comprehendiam.

Nicolan Tolentino, aquelle incensador dos grandes, collocar-se na secretaria do reino, José Agostinho, aquelle fradallho que começara a vida roubando livros no mosteiro, aquelle odre de talento e de maldade, já pregava na capella real e era tido em muito boa conta, só Bocage continuava na miseria trabalhando de noite e de dia, doente, para ganhar uns míseros vinte e quatro mil réis mensaes que o padre Conceição Velloso, condôido d'elle, lhe dava por umas traduções.

A multidão de poetas, esses arcades que com os beijos untados das gulodices do conde de Pombal o alcançavam de genio, também arranjavam maneiras de viver regular. Todos, desde o mulatto Caldas até ao Chrispiano vii, comiam a tripa farta e usavam fatos de custo, a librê, a marca da sua servidão intellectual.

No meio d'esta coorte que enchia um salão, enquanto os srs. conegos contavam o ultimo milagre das Salesias, os fidalgos se babavam de commoção, as socias se requereavam de mimo e pedanteria, os criados se perfilavam pelas portas, e os burguezes vinham com a sua casaca de briche pombalino receber as contas e o povo atulhava os patios das residencias á espera do caldo, no meio de toda esse brilhantismo do salão e de toda essa miseria do pateo, aquelle homem magro, esguinado, de botas rôtas e feto em pedacos era o unico que, vestido assim, não era mendigo e, estando ali, não era hypocrita.

Esse era Bocage, era o poeta, era o sentimental, era o digno, os outros eram os senhores fidalgos e a sua lacaiada, a mesma que na historia das casas que frequentava, ao cantal-a nos seus versos, subtrahia as infamias e chismava os heroísmos de feitos quasi sobrenaturaes. Elle não; elle não louvor, por isso morreu assim tão desgraçado.

Depois em roda rebentavam com as naturaes vingancas por este feito de insubmisso em tal epoca, o mesmo que ainda hoje succede, as invejas por aquelle privilegiado talento. Os versajadores são os piores inimigos dos poetas. D'ahi a nuvem de denuncias, as traições na sombra, as escandalosas mentiras que inventavam e attribuiam ao vate, aquelle que passava de sapatos rôtos.



Conde de S. Lourenço, com quem Bocage viveu no convento das Necessidades em 1797



José Agostinho de Macedo, o confrade de Bocage que mais o guerreou



Fardamento da companhia de guardas-marinhas a que Bocage pertenceu desde 24 de janeiro de 1786 a 25 de fevereiro de 1789



Modelo das naus em que Bocage foi a Índia e ao Brazil



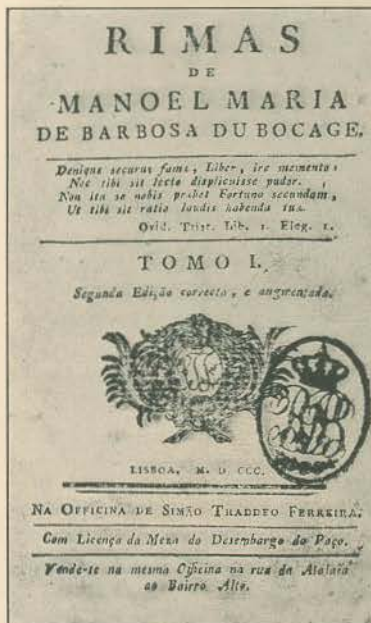
Fardamento do regimento de infantaria 7 a que Bocage pertenceu como cadete

E o mundo ao vê-lo realmente assim, com aquelle modo e com aquella cara desolada, acreditava tudo; a policia atirava-o para a cadeia; a Inquisição queria mudar-lhe as roupas mas n'algum saubonito. De todos os lados surdian intrigas, os fidalgos desprezavam-no por causa das intrigas dos seus poetas, o clero via n'ello o ateu, o burguez via n'ello o insolvel, o povo applaudia-lhe apenas os improvisos atreados na rua a algum ridículo. A outra obra ora desconhecida e d'ahi o ficaram na tra-

dição popular apenas essas compozições de momento o que são ainda chicotadas.

Cercado assim, com tres ou quatro amigos, enervava-se; a vida devia apparecer-lhe negra; amava e nunca pensou em constituir familia para não fazer mais desgraçados e o vate foi a finar-se a aos poucos, bebendo no Nicola, comendo nas baúcas, installando-se por fim no botiquim das Parras a fumar cigarros sobre cigarros, a beber genebra sobre genebra, a escrever versos como os da *Pena de Talão* e a fazer x d'ali, d'osso recanto tão tomido — o café n'esse tempo era uma coisa mal vista — o balaardo d'onde respondia com friçadas certeiros as pedradas mal jogadas do bando de poetas que buscava derrubá-lo.

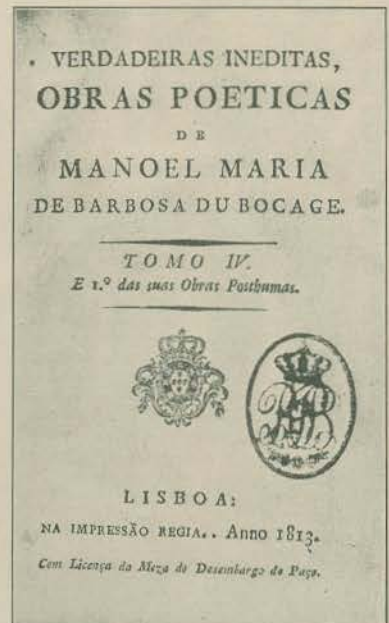
E d'ali só saiu para a mansarda, para morrer n'uma tarde desbotada de dezembro, dois annos antes de entrarem em Lisboa os francezes, como Camões morrera no dominio hespanhol; e morron assim, sem grandesas, sem o bem estar devido aos doentes, porque nunca poudo aceitar aquillo a que com Fyllito Elysio, morto no exilio e miseravelmente, chamava a *voz da dependencia*, isto é, o sabujismo que foi a nota dominante dos poetas portuguezes do seculo XVIII.



Frontispicio da segunda edição das «Rimas», publicada em 1800, por Simão Thadeu Ferreira



Retrato de Bocage segundolo vem na primeira edição do seu livro «Rimas»



Frontispicio da edição posthuma das obras de Bocage, 1813



Sr. José Joaquim Fragoso
Da comissão do centenario de Bocage



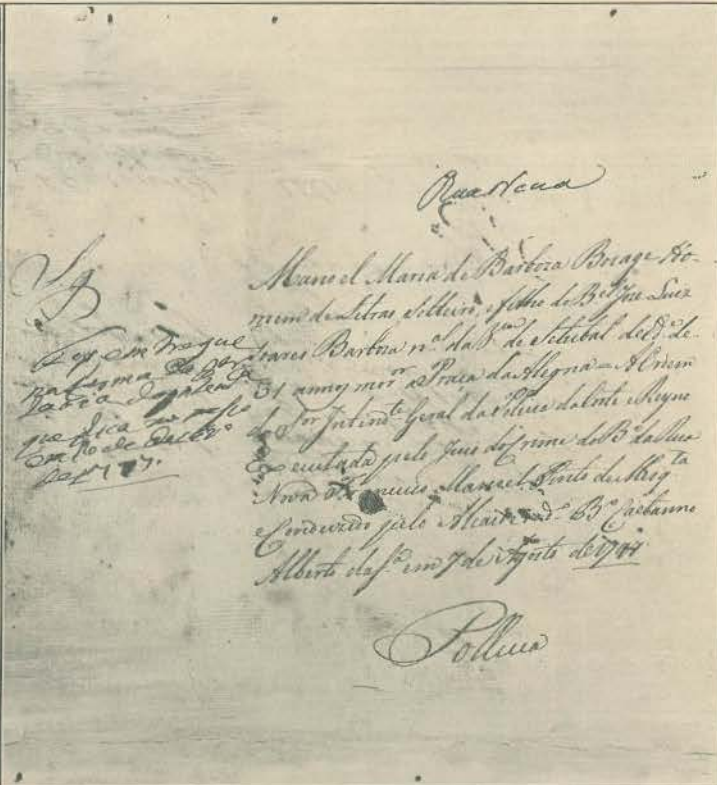
Sr. Antonio Francisco Teixeira
Da comissão organizadora do Orpheon Infantil que ha
de ser ouvido no dia 21 de dezembro em Setúbal



Sr. José Maria da Rocha Albino
Da comissão do centenário de Bocage



A fachada da igreja de Jesus onde foi sepultado Bocage



«Fazc-simile» do registo no livro do Limoeiro do anno de 1797, relativo ao dia 7 de agosto e que se refere á prisão de Bocage



A collocação da primeira pedra no tumulo de Garrett no templo dos Jeronymos em 7 de dezembro

A Sociedade Litteraria Almeida Garrett tem prestado successivas e condignas homenagens á memoria do grande dramaturgo e portentoso escriptor. Almeida Garrett foi tambem um humanista, isto é, seguiu no verso a forma bocagiana e adoptou para a assinar o nome de *Junio Durianse*; elle como Antonio Feliciano de Castilho, outro elmanista distincto, mantinham um verdadeiro culto pela obra do grande poeta cujo centenário

dentro em dias se vao comemorar. Foi José Feliciano de Castilho, um irmão o do poeta Antonio de Castilho, quem fez uma brilhante biographia de Bocage que os grandes litteratos como Garrett seguiam em poesia, sem contudo o egualarem nos admiraveis sonetos. Essa homenagem prestada agora a Garrett faz pensar n'outra que seria tambem in chie de justiça mas que não se pôde realizar. Seria uma acção digna e louvavel

erguer tambem no Pantheon um tumulo, ver ali com S. A. o Principe Regente e com o elemento official, como succederam com o tumulo de Garrett, os poetas e os homens de letras de Portugal a consagrarem Bocage. Porém é impossivel fazer isso, porque os ossos do vate devem estar perdidos n'essa igreja de Jesus onde nem a mais simples lapide, com um nome, com uma data, indica o logar que elles occupam.

A ASIA EM CHAMMAS

ROMANCE DA INVASÃO AMARELLA

Por FÉLI-BRUGIERE e LUIZ GASTINE, TRADUÇÃO DE ALBERTO TELLES

Nadia levava-o agora para uma galeria da largura de um metro, pouco mais ou menos, coberta por uma espécie de coberto ou alpendro que a dissimulava ás vistas dos terraços superiores, e guardada da banda do espaço por uma alta balaustrada de ferro lavrado. Através d'essa balaustrada Mérande avistava Samarkande adornada n'uma meia claridade lactea que alguns factos de luz rompiam. D'esse entorpecimento apparente subiam sempre rumores.

Mas Nadia caminhava depressa. Mérande, embarcado com as suas vestes femininas, tinha difficuldade em acompanhá-la e não podia fixar a vista.

Ao cabo de uns cem metros, Nadia pafou defronte de uma porta falsa baixa, encimada por uma enorme pedra esculpida. Abriu-a com a sua mão, e Mérande entrou apozella. Atravessaram um compartimento, que servia de antecâmara, illuminado por uma lampada enfeitada, depois uma alta galeria forrada de tapeçarias, que Mérande julgou reconhecer que era a galé-

ria de espera do governador russo. Um mongol dormia sobre um divan; não accordou com a passagem das duas mulheres, ou pelo menos pareceu não dar a isso nenhuma attenção.

— Silêncio! exprimiu Nadia com um gesto natural. No fim da galeria ergueu um repositório, e, depois de ter escutado um instante, attrahiu Mérande.

Cabido o repositório, a obscuridade era completa. Caminharam alguns momentos.

Depois Nadia, apertando a mão de Mérande, impelliu-o para deante de si, e ao ouvido, com voz apenas distincta:

— Deitae-vos no chão e arrastae-vos devagar para a esquerda, quatro ou cinco passos. Estae ao pé da sala do conselho, n'um canto disfarçado por uma dupla tapeçaria. Só ouvireis encostando o ouvido ao chão, mas vereis, baseando uma fenda imperceptível, que ha pouco ou nenhuma fiz, á direita da tapeçaria.

— Timour está ali. Deixo-vos. Voltarei a procurar-vos,

quando isso tiver acabado, porque Timour passará sem dúvida pelos meus aposentos quando sair. Coragem, meu amigo!

A mão de Nadia deixou a de Mérande depois de a ter comprido com um aperto prolongado.

Mérande achou-se só.

Batia-lhe o coração com muita força. Estava na escuridão absoluta. Parecia-lhe ouvir um som de vozes abafadas, mas os seus ouvidos zumbiam de angustia.

Deitou-se no pavimento com cautela, na direcção indicada por Nadia, e ficou por um momento estendido, tomando a respiração. O seu espirito serenou rapidamente.

Colou o ouvido ao chão; sentiu com effeito madeira rugosa, e percebeu logo o ruido de vozes, que havia notado ao entrar n'este recinto. Não distinguia, porém, as palavras.

Aproximou-se de rojo e roçou com a cabeça por uma tapeçaria.

Escutou do novo.

E euchou-se de jubilo. Ouvira, reconhecia a voz de Timour, alta, imperiosa. Mas queria vêr. Proenrou a fenda aberta por Nadia.

Apoz algumas tentativas infructíferas, uma facha de luz brillou subitamente no grosso repositório. Com avidéz lhe poz os olhos em cima. Pareceu-lhe primeiramente vêr só uma illuminação.

Depois a visão precisou-se, e elle reconheceu de repente por sobre as cabeças vagas e como que esbatidas o perfil magestoso e a figura do conquistador. Então só teve um pensamento: ouvir.

Timour falava. O conselho estava sem duvida a terminar, porque a sua voz ordenava e ninguém respondia.

— Os russos, ouvira Mérande, abandonaram toda a Asia central e as esteppas do Caspio. Somos senhores do Volga. Com mil russos morreram em Kazan na carga irresistível da cavallaria mongol. Tornámos o Cascaço. Não passaremos por lá. Para Constantinopla é que é preciso dirigir agora a nossa marcha.

— Cobrimos já toda a Asia Menor. Enquanto o nosso milhão de cavalleiros varre os russos, a nossa multidão formidável precipita-se sobre as antigas passagens que dão accesso á Europa. E' mister atravessar os estreitos e tomar Constantinopla. Havemos de os cobrir com uma ponte que será a continuação da terra.

— Os europeus julgam que a invasão vai passar pela Russia e seguir os nossos cavalleiros. Estão atacados de vertigem. Ainda não quiseram crer no perigo que os ameaça, na vingança da Asia opprimida. Os governos disputam uns com outros, mas o seu erro não durará. A Russia sentiu já o peso do nosso furor. Sei que convocou as potencias para uma reunião em Vienna.

— Os europeus vivem em paz, ha longo tempo: os seus exercitos tem perdido de valor. Possuem grandes esquadras, e aerostatos, mas já não estimam a guerra. Estão repletos de riquezas e de orgulho. Quando enlancam sobre o Danubio cinco milhões de asiaticos, que desprezam a morte, a Europa estará á minha disposição.

— Antes de um mez é preciso passar o Bosphoro e os Dardanellos! Os mongoes e o exercito chinês irão na frente, depois toda a multidão dos nossos irregulares, por ultimo a minha guarda. Na Asia Menor ficarão na retaguarda dois milhões de homens sob teu commando, Yunglon; serão o taço de união entre nós e a Asia.

— Ahmed-khan volta para a vanguarda. Os teus mongoes estão em Alepo, Diarbekir, Trebizonda. Avança até o mar de Marmara, arrasta contigo todas as populações, com as florestas, as carroças, os instrumentos. Construe as jangadas da ponte immensa. Tens um milhão de torpedos para fechar a entrada dos estreitos. Acompanhar te-ha o engenheiro Smith. A esquadra dos aerostatos partirá depois de amanhã e auxiliará a tua passagem.

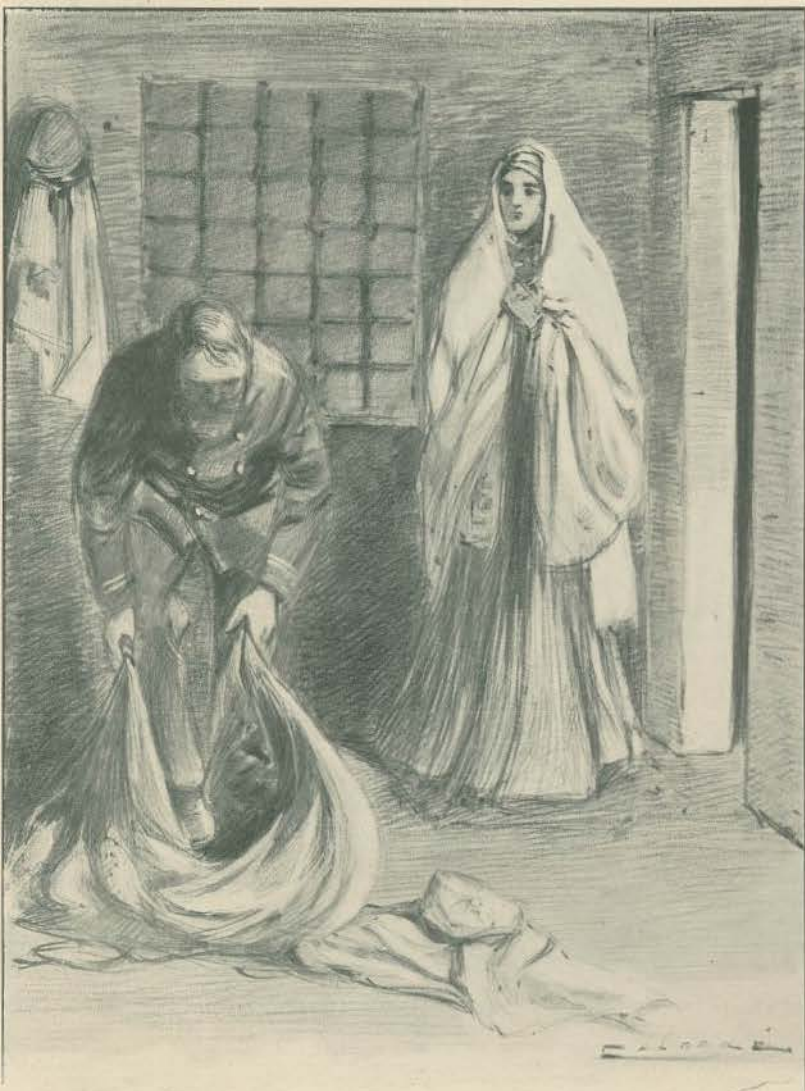
Seguir te-hão os chinezes, Ping-chang-hong, tu os farás marchar em dez grandes columnas de trezentos mil homens cada uma. Tomareis todos os viveres. As povoações ou hão de morrer ou seguir. Os carros de munições de bocca irão entre as columnas. Fareis abrir os caminhos a força de homens. Nada vos deve deter.

— Eu partirei de Samarkande com a guarda dentro de quatro dias. A'manhã inspecionarei as tropas em volta de Samarkande.

— Torne a partir todos, companheiros da minha gloria, depois de amanhã, nos aerostatos, e reuni-vos aos vossos exercitos.

Sou uma acclamação, Mérande enxergou pela fenda figuras tataras e chinezas, homens de feições energicas, que se acotovellavam em redor de Timour para lhe beijar as mãos. Entraram depois servos com samovares fumegantes, bandejas guardadas de chavanas de ouro, pratos aciculados de dices e pastéis. Os servidores de Timour acercaram-se pressurosos d'essa refeição nocturna, enquanto Timour se retirava lentamente, saudando com um gesto rasgado aquelles que votava ao destino.

Mérande deixou de olhar e até de escutar. Permane-



MÉRANDE VESTIA O FATO FEMININO

necia imóvel, como que adormecido. Quebrava-lhe os sentidos um exotismo de forças. Mas o seu pensamento velava. O que acabava de ouvir parecia-lhe o caminho da loucura. A grande eloquência das palavras não podia occultar a sua intelligencia de europeu e de official do desastre derradeiro, para onde caminhava o desencadamento d'esses milhões de homens.

Affigurava-se-lhe denuncia o desprezo de Timour pela vida d'esses desventurados que elle impellia, e contudo não podia deixar de admirar a fé que tinha o conquistador na sua missão.

O que Timour dizia da Europa, do amolecimento dos exercitos europeus, provava da parte d'elle uma illusão ou ignorancia extraordinarias; talvez era apenas o artificio de linguagem com o qual elle arremessava ao combate supremo as suas cegas multitudes e os seus chefes.

Mas, fosse qual fosse o resultado lamentavel que elle previa d'essa empreza inaudita, d'esse assalto dado pela Asia á Europa, a crise não deixava por isso de ser terrivel para as nações europeias surpreendidas na sua paz profunda, absorvidas completamente, depois da ultima guerra mundial, ás explorações economicas dos seus dominios colonias.

Grandes extormentos de homens era o que havia a esperar do fanatismo que animava Timour e os seus asiaticos. O conquistador não levava só multitudes barbaes, havia as equipadas, quanto tinha podido, com uma vontade que attingia o genio, d'a maneira que fizesse d'ellas uma machina formidavel de guerra. Possuia engenhos identicos aos da Europa, o caminho do ferro seguia-o, os abastecimentos de viveres estavam assegurados ao menos para a flor do seu exercito, e a fome, destruidora das innumeras migrações, não estava a marcha invencivel d'esses mynons de asiaticos.

E Mérande resolvia no cerebro a angustia da evasão, cuja possibilidade o atormentava agora com tanta maior força que parecia proxima e era mais necessaria.

Pesava-lhe o corpo, a alma exaltava-se; parecia-lhe que uma febre ardente o devorava. Os rumores da sala do conselho haviam cessado, e os minutos que decorreram de silencio pesavam sobre a sua expectativa como as horas mais sombrias do seu cativeiro. Por muitas vezes um possadello lhe fez acreditar que o reposteiro se erguia e que elle era agarrado por mãos brutaeas.

Do subito um clarão penetrou no seu sequeiderio. O reposteiro estava com effeito levantado, mas uma voz murmurou:

— Mérande!

A garganta cerrada negou-se a responder, e os membros lassos prendiam-no a terra.

A voz repetiu tuquista:

— Mérande!

— Estou aqui, disse Mérande.

E ergueu-se a custo.

— Vinde!

— Sois vós, Nadia?

— Sou eu, apressou-se.

As forças de Mérande voltavam. Pegou na mão de Nadia, e attrahindo-a cingiu-a a si n'um impulso involuntario, dizendo:

— Agradecido.

Nadia recuou e lá foi levando Mérande pelo caminho já percorrido.

A aurora ia já clareando a horizonte, mas Samarkande continuou perdida na nevoa da noite.

No momento em que Nadia e Mérande sahiam da porta secreta que dava para o corredor, um ruido os fez recuar e fechar vivamente a porta. Ouviram-se passos, que depois cessaram.

Nadia tornou a abrir prudentemente a porta. O corredor estava vazio. E foi a pressa que chegaram ao aposento de Mérande. Despiu o seu traje emprestado. A mulher que occupava o lugar d'elle na sua cama, eurgou a roupa que lhe pertencia, e tornou a fazer um embrolho dos estofos lançados no chão.

Nadia e Mérande fixaram-se em silencio. Estavam ambos pallidos, de uma pallidez tragica.

— Agradecido, tornou a dizer Mérande. E amanhã estao prompta para nos acompanhar.

— Ah! como poderei eu saber a hora da evasão? Posso sair de noite, mas vós e que não podeis avisar-me. Doixae-me entregue á graça de Deus. Ide vós, salvae-vos e salvae a Europa!

— Não, vós partireis, disse com firmeza Mérande. Vireis aqui das dez horas em diante. Timour ausenta-se. — E Kanyadjé?

— Mérande hesitou, e depois, precisamente:

— Trazel-o! Partirá conosco.

A serva entrou e puxou Nadia pela manga do vestido.

— Vou-me embora, disse Nadia. — Seja, até amanhã. Adeus!

E com o mesmo impulso com que ha pouco levava Mérande a mostrar-lhe a um beijo que ella era sempre a antiga amiga, e que não duvidava mais d'ella, Nadia com as suas mãos pegou nas mãos do official e levou-as aos labios. E depois foi-se.

VIII

A ALLUCINAÇÃO DE BOTTERMANS

Os passos que Nadia e Mérande tinham ouvido recuar no corredor e que os haviam detido, um momento por detras da porta secreta, eram de Bottermans. Bottermans não estava ao facto de nenhuma das no-

vas esperanças que o descobrimento dos aerostatos tinha feito nascer no espirito do doutor e de Mérande. Ignorava até, já o dissemos, que Mérande houvesse sido chamado á presença de Timour. Mas uma especie de vaga intuição mantinha a o seu espirito alerta. Havia surpreendido olhares de intelligencia entre Van Korsteen e Mérande, desconfiava que elles occultavam algum pensamento, ou meditavam sobre factos só d'elles conhecidos, o, como não fazia outra coisa senão pensar constantemente em Nadia, associava este nome ao mysterio que elle sentia.

Apenas detido, os possadellos habituaes cortavam-lhe o sono. No abalo do a sonho que o fazia erguer no leito, julgou muita vez ouvir vozes, bater de portas, pancadas surdas; mas os seus olhos e os seus ouvidos cerravam-se sob o peso de um entorpecimento pesado, e acabava por adormecer.

De novo os pesadelos lhe perturbaram o cerebro, e a fadiga d'esse meio-somno tornou-se tão angustiosa que Bottermans se levantou da cama e veio encostar a sua cabeça ardente aos vidros da janella. Para o oriente uma leve claridade annunciava que rompia a aurora, mas a noite ainda envolvia a cidadella.

Vestiu-se, e, para expellir a febre da insomnia, aventurou-se a sair da sua cella e a subir ao terraco que servia de passeio aos prisioneiros. Foi n'essa occasião que Nadia e Mérande o encontraram.

O terraco estava deserto. Dissemos com effeito que

Timour tinha deixado as passagens livres para Nadia. Demais, as sentinellas podiam velar ou dormir, tanto parecia impossivel a evasão dos prisioneiros, encerrados entre o precipicio e a esplanada, tão mortaes um como o outro.

A sentinella do terraco não servia, pois, senão para impedir os europeus de se approximarem da balustrada do lado da esplanada, para evitar que elles fossem vistos pelas pessoas que atravessavam todo o dia o jardim para entrarem no palacio, e ainda pela população de Samarkande.

Mas quando cahia a noite ninguém entrava mais no palacio, salvo as familiares que tinham a palavra combinada para as entradas particulares. O jardim ficava então solitario. Fechava-se a grande grade da porta monumental, e, se por essa mesma grade era possivel aos raros transeuntes nocturnos ver os edificios que contornavam o jardim, não poderiam elles differenciar de noite, a essa distancia, nem os traços nem os rostos.

Bottermans, encostado ao bordo do parapeito do terraco, olhava vagamente na sombra para os massivos de plantas e de flores, cujo perfume subia por infadas na fresta da noite que tocava o seu termo.

O silencio era ali tão profundo como no pateo interior das casamatas; nem sequer uma brisa agitava a folhagem, e, coisa que pareceu extranha a Bottermans, não se via sentinella nenhuma, nem no jardim nem no terraco. Ordinariamente, um ou dois soldados velavam



por excesso de precaução.

Além d'isso, Bottermans não pensava em se evadir. Todavia essa desaccostumada solidão excitou a sua phantasia já exaltada. Ainda sob a impressão da fadiga da noite, estava disposto para a allucinação.

Passavam sombras por diante do seu olhar perturbado, e o menor ruido fazia estremecer os seus nervos demasiado sobreexcitados. Uma especie de intuição attrahia-o sempre para a parte dos edificios que rodeavam o jardim fronteiro a elle, aquella que se ligava directamente ao palacio de Timour. De subito, a sua allucinação converteu-se em realidade.

FOLHETIM N.º 23

UM MONGOL DORMIA SOBRE UM DIVAN

(Continúa.)



A «plaque» oferecida pela comissão executiva do monumento a Sousa Martins ao nosso amigo sr. Casimiro José de Lima e com que consagrou o seu enorme trabalho na mesma comissão



O lado anterior da «plaque» onde estão as «fac-similes» das assignaturas dos offerentes

CHRONICA ELEGANTE

A época de inverno tão brilhantemente encetada pela successão de dias formosos e convidativos tem permitido a apresentação de lindas e variadas *toilettes* de passeio acompanhadas de elegantes chapéus também de generos differentes, qual d'elles mais atrahente.

Os espectáculos do theatro D. Amelia tiveram com as recitas da companhia franceza e tem ainda, enquanto não abre S. Carlos, o *record* da elegancia e do bom tom.

Nas frisas, nos camarotes, e nos balcões appareceram *toilettes* de theatro das mais modernas, sumptuosas e distinctas. Sedas, velludos, gazes, tulles e rendas, tudo se mistura, se funde, se combina e se harmonisa no mais suggestivo e formoso conjunto.

A associação de elementos diversos, por vezes absolutamente oppostos, como são, por exemplo, as rendas e tulles com as guarnições de pelles, essas e



FIG. 2

outros contrasensos conforme opinava a geração antiga, são agora não somente admittidos, mas preconizados como o requinte da elegancia e da arte de vestir bem.

Contudo no meio de todos os elementos que concorrem para a composição das *toilettes* femininas, não só para a noite como para todos os casos, resalta a preferencia e a predominancia das rendas que são consideradas como indispensaveis e do mais deslumbrante effeito.

Os pontos de Inglaterra, de Flandres, de Veneza, e outros preciosissimos não logram ainda assim tirar a primazia a França, que gozou tambem rendas de igual valor, além de variadissimas qualidades antigas e modernas que no mercado se classificam como rendas de França.

Conta uma velha lenda que a renda nasceu de uma oração. Em tempos remotos vivia na Borgonha uma jovem, chamada Sérénia, de deslumbrante formosura e de tão grande pobreza que se via obrigada a fiar noute o dia para se sustentar e mais tres irmãs pequenas. Requestava-a um pobre escultor tão mísero como ella e o doce idyllio de ambas passava-se por vezes entre lagrimas de tristeza e pezar. Uma tarde, passando juntos deante da imagem d'uma madona, erguida no meio d'um campo, ajoelharam para pedir a Virgem que protegesse os seus tristes amores; enquanto orava, via Sérénia nas flos da Virgem que esvoaçando no ar límpido vinham pousar sobre o seu avental preto entrela-

cando-se, cruzando-se nos mais graciosos e leves desenhos. Subitamente Sérénia ergueu o avental que com as maiores precauções trouxe para casa, procurando imitar com linhas finas os desenhos dos flos da Virgem.

Foi tão bem succedida a sua tentativa que de toda a parte acudiram as mais nobres damas a comprar as rendas de Sérénia e assim entrou na humilde choupana o bem estar, a fortuna e a felicidade. Retomaremos a historia das rendas de França que a falta de espaço não permite concluir hoje.

FIG. 1—*Toilette* do theatro em *guipure rebrodée* sobre fundo *vieux rose*. Manteau em *Liberly vieux rose* guarnecido de rendas. Chapéu de feltro rose com velludo e plumas *ombrees* cor de rosa—*signé Redfern*.

FIG. 2—Chapéu de velludo *monselline* cor do *angelique* e *monselline* de seda do tom mais claro. Pluma *ombrée* de dois tons *anethysia*.

FIG. 3—*Toilette* do theatro em *monselline* de seda branca com rendas de *Malines*. *Echarpe* de gaze branca com flos de prata. Tocado de plumas brancas com *aigrette* preta.



FIG. 1



FIG. 3



LISBOA



134. Rua Augusta, 136

NOVA CASA PETRONY
Chapeus para senhoras
e creanças
Rua de S. Roque, 31

Elixir, Pó e Pastas Dentíficas dos
Benedictinos de Sou-
lac — Produtos de primeira
qualidade

A' venda nas principais drograrias e
casas de perfumarias.

Deposito geral: **A. Vincent, 10**
largo de Camões, 19, 1.º

SOCIEDADE PORTUGUEZA DE AUTOMOVEIS
LIMITADA

AUTO PALACE



Refinamento
EXCLUSIVO
DE DION-BOUTON, DECAUVILLE
RENAULT, FERRIS
R. do Carmo, 26 LISBOA

O PIPERINOL

Para dar cor e brilho igual ao encerado em móveis e soalhos. Imitação pau santo, no-gueira, mogno e varias madeiras. Este preparado não tem agua-ras nem cheiro algum.
Aplicação facil e rapida.

Deposito unico: Rua Buenos Ayres, 35
GIL DIAS ASSUMPCÃO.

ANNEIS ELECTRICOS

Querels ter saúde e força?
Usa o **ANELL ELECTRIC**
Cura o reumatismo, impotencia, dores de cabeça e todas as doenças de sistema nervoso.
Cada anel 200 réis, com força dupla 300 réis.
Sóidos a Princesa Sines, rua dos Fanqueiros, 23 e 25, Lisboa. Remittes a quem quiser a importância em estampilhas.



"ROYAL WINDSOR"

O melhor regenerador dos cabelos

Em todas as drograrias e casas de perfumarias

VENDAS POR GROSSO
A. Vincent - 19, Largo do Camões, 1. - Lisboa

Bueno Romera
CHIRURGIA-DENTISTA
Tratamento de doenças da bocca.
Colocação de dentaduras artificiaes.

CONSULTORIO:
CALÇADA DO COMBRO, 32, 1.
V'ago Paulistas - Lisboa

Empresa DE Trens

PIRES BRANCO & MARTHA
Largo da Alegria, 13 a 19 - LISBOA
Telephone n.º 1.065



Objectos funerarios

A 28\$000???

Bicicletas novas, solidas e elegantes, rodinhas e um alqueitador, travão ao ar, bomba, mola e chaves.

Chegou nova remessa, marca **LINOS**, a marca mais celebre d'Inglaterra.

Não confundir com aquellas que outras casas vendem a 25\$00 e 30\$00 réis.

Além desta marca ha tambem a marca **simplex** e D. S. A. e Althright.

Descontos aos revendedores.

J. CASTELLO BRANCO
Rua Socorro, 46 - Lisboa

Grandes armazens do

PRINTEMPS

de PARIS

NOVA DIRECÇÃO - LAGUONIE & C.º

ESTAÇÃO DE INVERNO

Os Grandes Armazens do Printemps de Paris tem a honra de informar a sua clientela que já chegaram ao seu escriptorio da tropexposição.

19, Largo do Camões, 1.º - RÓCIO

a maior parte do mostruario da estação de inverno; assim como um lote de tapetes, carpes, artigos de pelto, boas de plumas, Brise-brise, chapéus.

As encomendas feitas por intervenção da nossa agencia de Lisboa, são expedidas **franco de porte** qualquer que seja a importancia da encomenda, quando a expedição é feita por pequena velocidade.

O catalogo e as amostras são fornecidos gratis a quem os requisitar.

Agua mine-
raes do Mon-
te Banzal -
Cilares

A agua do Mon-
te Banzal é a me-
lhor AGUA DE
BEZA do sul e
é MAIS SAU-
VA E mais doce
GAZOSA NATU-
RAL. DISTRIBU-
VA, reguladora
das funcoes in-
testinaes, TON-
ICA, ANTIDYS-
PEPTICA, DIO-
RETICA.

É aconselhada
para o trata-
mento das doen-
ças do estomago
provenientes de
uma disordem
nas doenças de
barriga e cãis e
em muitos casos
de anemia e
neurasthenia.

DEPOSITOS:
Escriptorio da
Regencia - Rua
Araucária, 248, 1.
Pharmacia Beir-
ão, Rua do Ca-
ro, 125, 126.

Venda a 2.ª - Rua
Augusta, 124, 125.
Drograria Pro-
greço: Rua da
Boa Policia, 109, 113.

Vendem-se em
todas as casas
que negociem
em agua mine-
raes.



Tinta Esmaltada Rontland

EM TODAS AS CORES

Esta tinta não estala e conserva sempre o brilho.

Vende-se em Lisboa:

Na Drograria Peninsular, rua Augusta, 35 a 45 - J. Netto Varella, rua da Rosa, 21 - Marques & Cunha, rua da Prata, 155.

E no Porto:

Em casa de Seraphim José de Moraes, 64, rua de Codofeita.

O catalogo das cores é enviado gratuitamente a quem o pedir.

Depositarario geral: **A. Vincent - 19, Largo do Camões, 1.º - Lisboa.**

Sedativ BEIRÃO
Anti-Dysmenorrhoeico

É o mais adequado e seguro medicamento para todos os sofrimentos que precedem ou acompanham as menstruações irregulares (dysmenorrhoea). Cura ou allivia as colicas uterinas e dos ovarios, as dores reflexas muito violentas na cabeça, estomago, ventre e quadris; vertigens, spasmos, convulsões, ataques nervosos, hysterics e outros; náuseas, vomitos, diarrheas, alivia a elevação do ventre por accumulação de gazos, a turgidez das veias das pernas e das hemorroidas que muito complicam as menstruações irregulares. O **Sedativo Beirão** actua com especialidade sobre o utero, orgaos annexos e dependentes, dá-lhe energia muscular, regular as suas funcoes e é muito efficaz na alivia dos ovarios e na doilidade ou traqueza do utero. É indispensavel na amenorrhoea accidental ou suspensa, subita das regras por effeito de resfriamentos, enfriços ou excessos. O **Sedativo Beirão** contém propriedades tónicas, adstringentes e antisepticas, muito efficazes para debellar o fluxo branco utero vaginal (leucorrhoea). O **Sedativo Beirão** é de grande valor therapeutico na menopausa ou cessação final das regras. Elle tonifica as fibras musculares do estomago e intestino, assegura o regular movimento peristaltico e antiputrefactivo d'estas visceras que, quando invertido, é origem e sustentáculo de graves perturbações gastro-intestinaes, diminuo a pressão sanguinea, estabelece o equilibrio da circulação e consequentemente melhora os perigos da supercandidez do sangue e de outras molestias que se brevemente pela cessação final das menstruações h'as mulheres da vida da mulher. O **Sedativo Beirão** não é contra indicado nas molestias uterinas e dos ovarios que dependem de lesões d'aquelles orgaos ou de intervenção cirurgica.

DEPOSITOS:
Em LISBOA - Pharmacia Liberal, Avenida da Liberdade, 167. - Em LONDRES - Monsieur John Wyman, 38 e 39, Bunhill-Row, London E. C.

Joachim Arantes Pereira, medico-cirurgião e pharmaceutico de 1.ª classe pela Escola Medico-cirurgica do Porto, director do Instituto Pasteur e do dispensario antituberculoso da mesma cidade, commendador da ordem militar de Christo e cavalleiro da ordem de S. Filipe de Portugal, socio de varias sociedades scientificas do Brazil, Portugal e França, etc. etc.

Atenção que tenho usado sempre com resultado proficuo nos emcorrhoeas, dysmenorrhoeas e leukorrhoeas, syphilis (syphiliticas ou contagiosas), colicas ovaricas e uterinas o **Sedativo Beirão**, preparado do pharmaceutico Marciano Beirão, que eu reputo um valioso medicamento para ginecologia.

Ve-se a seguir a lista e a seguir este preparado indicado em todas as estados reactivos: Amores hemorroidas, náuseas e vomitos (principalmente os de gravidez), diarrheas, espasmos, varicos, etc. etc. - Porto, 27 de novembro de 1905. - Arantes Pereira.

O Seculo, Illustração Portuguesa - Natal de 1905

Publicação de luxo extraordinariamente melhorada

Collaboração dos distinctos escriptores: Queiroz Velloso, Henrique Lopes de Mendonça, Christovão Ayres, Antonio Correia d'Oliveira, Azevedo de Paiva, Julio Dantas, D. João da Câmara, Henrique Rosa, Alfredo Mesquita e Alberto Pinheiro.

Illustrações primorosas a cores, dos apreciados artistas José Caldeira, M. C. Espi e Santos Silva.

Gravura e impressão executadas nas officinas d'O Seculo, pelos processos mais modernos. Volumoso album de annuncios em que figuram as principais companhias, casas bancarias, commerciaes e industriaes.

Apparecerá á venda no proximo sabbado

Nas livrarias, tabacarias e kiosques de Lisboa, Porto e Coimbra e em todas as agencias d'O Seculo nas provincias, ilhas, ultramar e Brazil.

Preço 200 réis